
O casamento real e a luta de gênero: análise da cobertura midiática¹

Yasmin Gatto²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Bauru, SP

Resumo

O trabalho busca evidenciar a representação midiática da Duquesa de Sussex, Meghan Markle, esposa do príncipe Harry, ambos da realeza britânica. O artigo revela que Meghan é vista como um ícone feminista do século XXI, uma mulher empoderada, birracial, divorciada, atriz norte-americana que conseguiu a benção da Rainha Elizabeth II e hoje faz parte da monarquia. A pesquisa analisou quatro textos opinativos. Concluiu-se que toda a imagem de que a salvação da mulher está no casamento, concepção bastante divulgada em tempos de outrora, volta à tona e ganha apoio entre feministas, jornalistas e líderes de opinião.

Palavras-chave: Casamento real; Representação; Enquadramento; Feminismo; Gênero.

Introdução

Nos últimos anos a luta feminista, a luta de gênero e a luta de raça tem ganhado força no país e no mundo inteiro. É inegável falar sobre os avanços que se teve em todos esses casos. A mulher começou a ocupar mais postos superiores de trabalho, conseguiu ganhar mais, conseguiu ter uma Lei que decreta feminicídio, a Lei Maria da Penha ganhou adendos importantes e as mulheres estão nas ruas reivindicando direitos e respeito desde ter a escolha de vestir a roupa que quiser quanto ter o direito de não ser violentada nas ruas. No mundo das pesquisas acadêmicas, essas temáticas também tiveram destaque, a representação da mulher nos meios de comunicação foi tema de bastante preocupação nos relatórios, trabalho de conclusão de curso, artigos, dissertações e teses, com destaque para Santos (2012), Mazer (2013) e Falqueto (2016). Os presentes trabalhos analisam a construção da representação da imagem da mulher na mídia, cada um com sua especificidade.

O casamento real de Meghan Markle e do príncipe Harry que foi realizado no dia 19 de maio de 2018 no Castelo de Windsor gerou uma cobertura noticiosa

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, campus Bauru.

internacional, pois mais do que um “casamento real”, a cerimônia juntava um príncipe a uma mulher birracial, divorciada, atriz mundialmente famosa e que se declara feminista desde os 11 anos e também ativista nas causas dos mais pobres. Meghan gera, desde o namoro que começou em 2016, diversos comentários no meio mediático. No casamento não foi diferente. O presente artigo investiga como veículos de comunicação importantes no cenário mediático representaram a figura de Meghan. Nas redes sociais, a opinião ficou dividida entre quem apoiou Meghan e quem recriminou, um dos textos analisado revela isso.

O aporte teórico deste artigo se baseia na discussão sobre o que é a mulher na sociedade capitalista e no debate sobre enquadramento jornalístico, entendendo-o como uma forma de representação jornalística. Foram analisados quatro textos opinativos publicados na Folha de S. Paulo, um texto publicado no El País e o último publicado em um site feminista reconhecido no meio das lutas das mulheres. A escolha se deu por entender que os meios de comunicação escolhidos são fontes reconhecidas. O trabalho divide-se em uma teorização sobre a mulher na atualidade, para tentar entender o que é a mulher nesse meio, teoriza-se também sobre representação e por último juntam-se esses conceitos para analisar Meghan Markle.

1. A Mulher na sociedade capitalista

Segundo Saffioti (1979), não se pode negar a existência de uma cultura patriarcal e machista e é essa cultura que faz com que as mulheres tenham sobre elas certas cobranças que são impostas pela sociedade. Esses argumentos são sustentados por uma ideia de que as mulheres são inferiores aos homens.

Se elas se dedicam exclusivamente ao lar sentem-se culpadas por não estarem colaborando com renda monetária para a subsistência e/ou promoção da família. Quando se ocupam de tarefas profissionais sentem-se incompletas, uma vez que não estão se desincumbindo das funções caseiras tradicionalmente atribuídas a elas. Quando tentam desempenhar funções domésticas e ocupacionais simultaneamente sentem que deixam a desejar em ambos os setores, ainda que isso represente uma enorme sobrecarga. A oscilação das mulheres em torno destes dois padrões – dona de casa e profissional – é, pois uma constante, impedindo a constituição de uma sólida e tranquila identificação seja com a economia doméstica, seja com a economia pública (SAFFIOTI, 1979, p.14).

Essa cobrança sobre as mulheres afeta, inclusive, a vida pública delas, pois só a necessidade econômica pode justificar a negligência com as tarefas domésticas. Outro viés ideológico muito difundido que recai sobre as mulheres é a ideia da libertação por meio do casamento: entende-se o homem como provedor. A autora ainda afirma que o mais importante é reter na memória das mulheres esse sentimento ambíguo de responsabilidade, em relação aos papéis sociais que elas desempenham.

Outro aspecto apontado por Saffioti (1979) são os baixos salários recebidos pelas mulheres. Ela diz que elas recebem menos e são discriminadas por serem mulheres. “A mulher está sujeita a toda sorte de discriminações: desde a aproximação do chefe, na situação do trabalho, que pretende transformá-la em parceira sexual, até as mais violentas diferenças salariais em relação aos homens.” (p.21). Miguel e Biroli (2014) reafirmam essa ideia

Não se trata só de remuneração. Em muitos locais de trabalho, as mulheres são expostas cotidianamente a pressões e constrangimentos que não fazem parte da vivência dos homens, do assédio sexual às exigências contraditórias de incorporar tanto o profissionalismo quanto uma feminilidade que é construída como sendo o oposto (p.11).

Segundo os autores, os homens ainda assumem as posições de controle e as mulheres são cheias de responsabilidades adicionais, o que torna o trabalho assalariado um sofrimento para a mulher em uma sociedade sexista, que cobra mais delas, que impõe responsabilidade e papéis que poderiam ser exercidos por homens também.

Como já citado acima, é no modo de produção capitalista que se inaugura uma nova forma de se enxergar a mulher, principalmente no que diz respeito à forma de trabalho. A autora atualiza o pensamento dela e escreve sobre a situação da mulher atual, a dita mulher moderna, que ganha uma nova roupagem de conceitos, enquanto seus problemas continuam os mesmos ou maiores.

Saffioti (2011) infere que a quantidade de eletrodomésticos, a existência de produtos alimentícios semiprontos, a limitação da taxa de natalidade, a existência de mais creches, escolas maternas, jardim de infância para atender as crianças e muitos outros produtos da civilização moderna tem livrado as mulheres de serviços fatigantes, mas ela chama atenção para não romantizar essas facilidades, pois, a existência delas não elimina o fato de mesmo com todos esses avanços a mulher ainda continua presa ao lar. A autora fala das facilidades, mas diz que nem todas as mulheres podem pagar por

elas ou ter acesso a anticoncepcionais ou a infantários. “(...) dispor daquelas facilidades não é também condição suficiente para impelir as mulheres ao trabalho nem sequer para diminuir o tempo que elas consomem no trabalho doméstico” (p.90).

Outro fator apontado por Saffioti (2011) é que essas ditas “facilidades da vida moderna” não libertam a mulher dos trabalhos não produtivos e eles estão cada vez mais substituindo a personalidade feminina, sendo bastante influenciadas pelas indústrias de artigos domésticos. Mas, o principal apontamento da autora é que a sociedade se empenhe na eliminação de uma mentalidade que inferioriza a mulher.

A maternidade é outra pauta trazida por Saffioti (2011), que diz que a sociedade coloca tanto peso no que é ser mulher que, às vezes, a única saída para elas acaba sendo a maternidade. “(...) a prática da sexualidade independentemente da reprodução não se vincula apenas ao desenvolvimento técnico da sociedade, mas liga-se ainda a fatores de natureza ideológica, sobretudo religiosa (...)”.

Outro fator destacado pelos autores é a violência doméstica e sexual que se mantém mesmo com todos os avanços na lei. O estupro no casamento ainda é um tabu na sociedade, pois, se entende que o corpo da mulher passa a pertencer ao homem no momento do casamento, ou seja, mesmo que ela não queira “o corpo dela pertence ao marido”. “As lutas feministas produziram avanços na legislação relativa à violência doméstica e ao estupro em diversas partes do mundo, mas permanece alto o número de estupros e assassinatos de mulheres por homens com quem elas tiveram relações afetivas.” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 43). Os autores destacam também a implantação da Lei Maria da Penha, em 2006, que trouxe muitos ganhos para as mulheres, mas que ainda assim se torna insuficiente em alguns casos.

Outro aspecto abordado pelos autores, é que a beleza, a maternidade, o casamento, são também formas de opressão imposta às mulheres. Wolf (1992) disse que “as imagens da beleza são utilizadas contra as mulheres.”. Ou seja, os padrões de beleza e a busca pela aprovação da aparência tem orientado boa parte da vida das mulheres.

Segundo Miguel e Biroli (2014), as abordagens mais críticas ao ideal de beleza mostram um grande papel dela na reprodução da subordinação feminina e esse investimento na aparência é muito dirigido às mulheres. Os esforços desse investimento na beleza são algo que apreende a mulher, que a deixa numa busca incessante pela

perfeição, muitas vezes alcançadas só por meio de cirurgias estéticas ou, na maioria das vezes, são inalcançáveis.

2. Representação e jornalismo

2.1 Representação

De acordo com Baker (2007) toda vez que vemos um texto mediático, não se tem a realidade ali representada, mas a visão de alguém sobre ela. Ele destaca que isso pode parecer óbvio, mas às vezes é esquecido e que deve ser motivo de muita discussão. Segundo o autor esse ato de transformar a realidade em notícia para outros se chama mediação e é pautada pela representação, ou seja, por aquilo que se entende sobre determinado fato.

Baker (2007) destaca que é comum ver essa mediação em programas humorísticos de televisão, novelas, programas de entretenimento sobre as celebridades e também nos meios de comunicação. Ele infere que “a notícia é certamente tão mediada quanto qualquer outra coisa – alguém decidiu que estas são as notícias mais interessantes.” (p.1). Portanto, o jornalismo também passa por um processo constante de mediação e por ele representar a realidade é que se deve investigar como essa representação está posta nos meios de comunicação. Mas o que é representação? “Uma representação é algo que simboliza outra coisa.” (BAKER, 2007, p. 3). Segundo o autor a representação é uma junção de 4 elementos: “A coisa representada; As opiniões das pessoas que produzem representação; A reação do indivíduo em face da representação e O contexto da sociedade em que a representação está ocorrendo” (p. 4).

Já segundo Soares (2009), o termo representação vem ganhando espaço nos estudos acadêmicos, principalmente no campo da comunicação. Ele explica que isso acontece porque todas as ações humanas podem ser examinadas com base no conceito de representação. O autor fala da amplitude do objeto e afirma que para se ter o entendimento deste conceito deve se ter em mente pelo menos quatro ordens distintas de problemas: “a) representação mental, b) determinantes sociais das representações, c) representações mediáticas e d) representação distribuída.” (SOARES, 2009, p.13). Neste texto, trabalha-se apenas com a representação midiática.

2.2 Representações Midiáticas

Segundo Soares (2009), os meios de comunicação são a efetivação tecnológica da representação no sentido de representar a partir da semelhança, aparência e simulação. Essa similaridade entre o objeto e a imagem dá um caráter de verossimilhança às representações visuais, principalmente na fotografia. Hall (2016, p.24) afirma que a fotografia é um sistema representacional que se utiliza da imagem para transmitir mensagens de pessoas, lugares e acontecimentos.

A cultura de massa fica encarregada, pelo meio visual, de transportar as pessoas para além das vivências cotidianas, fazendo com que elas vivenciem fatos que são próximos a elas e também fatos distantes, fazendo ainda que elas criem representações sobre essas experiências.

(...) nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos (HALL, 2016, p.21).

Segundo o autor, os estudos sobre representação mediática têm como foco maior de investigação temáticas relacionadas à mulher, minorias e etnias. Para Soares, principal discussão sobre a representação gira em torno das formas como ela aparece nos meios, mesmo de maneira quase imperceptível, ela insinua, impõe certos padrões como normal e acaba naturalizando alguns discursos e isso acontece muito por meio das imagens fotográficas, na publicidade e propaganda, nas novelas e no jornalismo. Esses discursos produzem imagens que se fixam na sociedade e são tidos como representantes de pessoas e acontecimentos. É por isso que certos enfoques de quem produz um discurso, seja visual ou escrito, influenciam a percepção do interlocutor para a definição de estereótipos (SOARES, 2009). Ainda segundo o autor, as representações desempenham funções distintas nos gêneros mediáticos que são a ficção, a publicidade e propaganda (persuasão) e no jornalismo (informação).

3. Representação de Meghan Markle na mídia: análise

A mídia internacional e nacional lançou os olhos para o Casamento Real do príncipe Harry e da atriz Meghan Markle realizado no dia 19 de maio de 2018. Teve

cobertura em tempo real em várias emissoras e o casório virou pauta em vários veículos de comunicação.

O principal valor-notícia dizia que Harry se casaria com uma feminista birracial e divorciada que impôs às regras do casamento real britânico, e que, inclusive, não juraria obediência à ele, mas ao fazer o juramento no dia do casamento, Meghan apenas mudou o discurso, pois na prática ela jurou obediência. O artigo analisa como alguns meios de comunicação enquadraram essa notícia, partindo do pressuposto que o enquadramento é uma forma de representação jornalística. O enquadramento leva em consideração a análise dos aspectos que foram salientados, enfatizados e excluídos.

O primeiro texto é opinativo, intitula-se “São as mulheres suas maiores inimigas?”, a autora é Mariliz Pereira Jorge, jornalista e colunista da Folha que escreve sobre assuntos relacionados às mulheres. O texto foi publicado pelo Jornal A Folha de S. Paulo no dia 24 de maio de 2018. A autora inicia o texto dizendo que várias mulheres são incapazes de entender as ideias do movimento feminista e, por isso, não se dizem feministas. Ela critica o número de mulheres que censuraram Meghan pela escolha dela. “Como assim casar com um príncipe?”. Ou criticam o fato da atriz ter que largar o emprego. Ela cita alguns itens que Meghan deverá cumprir ao entrar na realeza, como, por exemplo, não ter redes sociais, não tirar selfie e não dar autógrafos. Mariliz ironiza, como ser uma mulher feminista sem Facebook? E mais, critica a fala de mulheres que dizem que o feminismo acaba quando aparece um homem rico e bonito. A autora defende a atual Duquesa de Sussex com o discurso “de lugar de mulher é onde ela quiser”, logo, se ela escolheu ser uma duquesa ela tem por direito exercer essa escolha e não deixa de ser feminista por isso.

Ela argumenta, “Teve revista feminina dando combustível à falta de entendimento sobre o que é feminismo ao fazer textinho lacrador, caça-clique, para contar tudo o que Meghan Markle terá que abrir mão ao ser escravizada pela realeza”, explicando que a realeza britânica tem legislações retrógradas, mas a consciência de Meghan sobre o fato de não poder usar determinado tipo de comprimento de saia faz dela uma mulher de escolha e de luta. Ela completa: “ela decidiu a porra toda e casou como queria”. A autora também pondera sobre Meghan ter se vendido ao patriarcado, ela diz que a Inglaterra não é um patriarcado, pois é governado por uma rainha e tem uma primeira-ministra. Ela destaca que a coroa britânica entendeu que precisava “aceitar” uma atriz birracial e divorciada para continuar popular. E a partir disso não

será difícil aceitar saias mais curtas e esmaltes com tons escuros. Mariliz baseia todo o texto na falta de empatia de mulher para mulher o que reafirmou um discurso existente no cotidiano. Mas o discurso de que feminista é avessa ao amor foi quebrado. Ela termina criticando que o desconhecimento das causas feministas faz com que mulheres se afastem do movimento, e àquelas que conhecem as causas e erguem os braços para dizer que são parte dele, desconhecem as causas e deste modo, relegaram Meghan, o que na opinião da escritora significou falta de empatia. Nesse texto, a autora coloca Meghan como uma mulher feminista empoderada.

O segundo texto analisado, que também é opinativo é intitulado “Casamento de Harry e Meghan foi uma aula real de amor e relações públicas”. O autor é Nizan Guanaes, publicitário, empresário e escreve em seus textos que Bolsonaro vai ser presidente da república. O texto começa com o seguinte trecho: “Como pode algo acusado de velho e anacrônico, carregado de privilégios indefensáveis, mudar de imagem sem mudar sua essência?”.

O autor explica que isso aconteceu com o casamento de Harry e Meghan. Ele completa que os príncipes da realeza britânica foram feitos para casar, dizendo que as festas são verdadeiros contos de fadas e que agora são transmitidos ao vivo e rendem milhares de tuítes e posts. Ele afirma que o casal conta com estratégia de comunicação e são bastantes populares, Meghan, por exemplo, é símbolo de mulher forte e independente e de origem diferente. “A corte não será mais branca de olhos claros, mas diversa e moderna em tempos de acelerado tribalismo e preconceito”.

O autor ainda destacou a homilia do bispo afro-americano Michael Curry, que foi performático, algo comum nas igrejas norte-americanas e não nas capelas reais. Ele deu destaque ao coral negro que foi regido por um solista negro. Ele ainda afirmou que a família real britânica levou uma mensagem ao mundo inteiro de união e respeito às diferenças. Nizan é bem incisivo nas vezes que repete que o casamento foi um verdadeiro conto de fadas e que não faltou itens para serem discutidos sobre o casamento no mundo fashion, no mundo feminista e no mundo de relações inter-raciais. Ele finaliza o texto dizendo: “O mundo não resolveu seus problemas de desigualdade depois do casamento de Harry e Meghan. Mas ganhou mais um tijolo para construir a ponte entre as diferenças”. Nesse texto, Meghan é colocada como a ponte entre diferenças raciais, forte e independente.

O terceiro texto foi publicado pelo Jornal El País na editoria Internacional, intitulou-se “Meghan Markle, uma feminista no reinado de Elizabeth II” e é também opinativo. A linha fina da matéria diz que príncipe Harry revoluciona família real ao se casar com uma atriz afro-americana, que é divorciada e que quer ser a nova Lady Di. O autor inicia o texto falando que príncipes não se casam mais com princesas e sim com mulheres livres e bem-sucedidas. O jornal afirma que Harry não se importa se ela é de outra raça ou se é divorciada. Eles afirmam que ela não corresponde ao perfil exigido por uma das casas reais mais tradicionais do mundo. Mas mesmo assim, o príncipe mostrou toda sua nobreza. Segundo o jornal, a chegada de Meghan provoca toda uma revolução na família real britânica.

O veículo compara Meghan com princesa Diana e diz que a rainha Elizabeth II teve que “aceitar” Diana e terá que aceitar Meghan, o jornalista ainda cita vários países que tiveram casamentos do mesmo jeito, onde os pretendentes não faziam parte da realeza e isso mostra que para continuar popular o reino tem que aceitar a união. Meghan se declara feminista desde os 11 anos e pretende continuar sendo um papel importante para todas as mulheres. O jornal ainda informou que Harry renasceu com Meghan e que a rainha Elizabeth II está encantada. Eles terminam o texto: “Quem imaginaria que uma estrela de Hollywood feminista faria parte da família da monarca?”. Meghan é colocada como a nova princesa Diana, livre e bem-sucedida.

O último texto analisado foi publicado no site Valkírias, que é destinado às mulheres e feito por mulheres. A jornalista que escreveu o texto é negra e diz que a família real nada representa para ela, mas o que Meghan representa para todas as mulheres é o que importa. A autora do texto se compara à Meghan e diz que a atual duquesa de Sussex é filha de mãe negra e pai branco e foi educada nos Estados Unidos, Meghan é birracial. A autora destaca os trabalhos humanitários feitos por Meghan e cita os lugares por onde discursou sobre igualdade de gênero e empoderamento feminino e informa que ela teve que abandonar o cargo na ONU e no World Vision Canada para se dedicar integralmente à fundação da família real, Royal Foundation.

É reafirmado no texto várias vezes que a cor de Meghan causou uma bagunça na família real, coisa que não aconteceu com as peles brancas e perfeitas de Diana e Kate. “Mesmo antes do noivado com o Príncipe Harry ser anunciado, a cor da pele de Meghan já era um assunto entre todos que falavam sobre o namoro, que começou em junho de 2016. Todos pareciam ter algo a dizer”, afirma. A produtora de conteúdo diz que houve

quem comemorasse essa adição de melanina à família branca mais privilegiada do mundo e houve quem questionasse as reais intenções de Meghan e direcionasse vários ataques à ela. A atual duquesa sofreu ataques da mídia nacional e a secretaria de comunicações da Família Real Britânica soltou uma nota na época. Ela ressalta que mesmo no dia do casamento o que chamou a atenção foi a cor da pele de Markle.

A quebra de protocolos também é noticiada, entre eles está o fato da rainha Elizabeth II ter comparecido ao casamento de uma mulher divorciada. A autora destaca “Meghan, a falsa feminista?” e nessa parte ela explica que Markle foi bombardeada no Twitter por sua contradição em ser feminista e abdicar de vários direitos para se casar com Harry. A jornalista defende e argumenta que graças à Royal Foundation, Meghan continuará sendo ativista. A autora chama atenção dizendo que as mulheres negras nunca tiveram clichês e por isso merecem flores no Dia Internacional da Mulher e merecem mais ainda um casamento de conto de fadas. Ela reconhece o absurdo de tantas cobranças com relação às dívidas culturais que a Inglaterra tem com a África, mas reafirma que as mulheres negras não vão abdicar dos clichês. E finaliza “Nós receberemos flores. Nós seremos princesas. Nós nos casaremos com Príncipes”. No último texto analisado, Meghan é colocada com um grande ícone de mulher negra.

4. Enquadramentos de gênero

No primeiro texto, a autora reconhece as coisas que Meghan terá que abrir mão ao se casar com Harry e trata a questão como pontual e sem importância. Ela não problematiza em nenhum momento o que essas “proibições” acarretam na vida de Meghan, como por exemplo, o fato dela não poder mais trabalhar, uma conquista que é fruto de muita luta das mulheres. A autora ainda cita que a duquesa é uma mulher que escolheu casar com um príncipe sabendo das consequências.

Por último, o argumento que fecha o texto no jornal afirma que Meghan não fará parte de um patriarcado porque a Inglaterra tem uma Rainha e uma primeira-ministra. A autora novamente não discute e erra na informação, pois o patriarcado é muito mais que uma figura, é um sistema ideológico que rege a maior parte da nossa sociedade. E os problemas do patriarcado vão além da questão de quem governa ou de quem representa. A autora ainda arrisca que a aceitação de Markle é um sinal que a coroa britânica pretende inovar e só será questão de tempo aceitação de saias curtas e o uso de esmalte

escuro nas unhas. A escritora esquece de citar que já foi permitido a mulher em certas sociedades o uso de qualquer roupa e isso sim é decidir o que quer.

No segundo texto, “Casamento de Harry e Meghan foi uma aula real de amor e relações públicas”, o autor Nizan Guanaes começa o texto falando que Meghan transformou aquilo que era retrógrado em algo novo e atual. O autor ainda destaca que os príncipes da realeza britânica foram feitos para casar porque sabem dar boas festas e transformam elas em verdadeiros contos de fadas. Nizan diz que o casal é super popular e utilizam estratégias de comunicação. Ele destaca “A corte não será mais branca de olhos claros, mas diversa e moderna em tempos de acelerado tribalismo e preconceito”.

O autor ainda cita a homilia do bispo negro, o coral regido e composto por negros e ressalta que as diferenças podem continuar a existir, mas com certeza o casamento construiu muitas pontes. O autor não problematiza a questão racial, pois a mídia focou muito no fato que ela é birracial, mãe negra e vários solistas negros, mas será que de fato os negros foram e estão representados na realeza britânica?

O fato de Meghan ter entrado para a família real britânica não torna comum o fato, não faz com que negros sofram menos preconceito. Será que se Meghan não fosse uma atriz bem sucedida Harry teria olhado pra ela da mesma maneira? Markle é uma negra/branca bem sucedida e famosa e se declara birracial. Não é justo que haja a mesma comparação com uma pessoa negra comum. O terceiro texto diz que Meghan é uma feminista no reinado de Elizabeth II e que ela será uma nova Lady Di. O autor diz que o príncipe não se importa se a noiva dele é divorciada e não corresponde ao perfil exigido pela casa britânica, mas ao se casar com ela, Harry mostra toda sua nobreza. Segundo o autor a chegada de Meghan é uma verdadeira revolução na Inglaterra.

O texto é finalizado com uma pergunta: quem diria que uma estrela hollywoodiana feminista chegaria à família real? Uma crítica plausível à este texto é que o autor não problematiza o fato de que Meghan deixará de ser uma estrela para se tornar uma esposa, pois a partir do momento em que ela casou, ela teve que abandonar o trabalho dela. Miguel e Biroli (2014) falam que, nas últimas décadas, o papel das mulheres se modificou e isso se torna visível quando se analisa a entrada delas no ensino superior e no mercado de trabalho, mas os autores reafirmam que nem essa nova dinâmica faz com que a divisão sexista das tarefas deixe de existir, tampouco as discussões sobre maternidade e casamento, pois, ambos continuam sendo vistos como a salvação da mulher. “As mulheres continuam a ter responsabilidade exclusiva ou

principal na criação dos filhos e no trabalho em casa.” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.11). O casamento de Meghan e Harry veio como uma salvação para ela.

O último texto destaca os trabalhos humanitários de Meghan e tudo que ela passou a representar também para mulheres negras. A autora faz uma abordagem muito delicada dizendo que as mulheres negras receberão flores, serão princesas e se casarão com príncipes. Quantas mulheres negras vão conseguir chegar onde Megan Markle? E será que a saída para acabar com os preconceitos é ser uma princesa e ser tudo aquilo que ela representa? Ou a saída é se casar? A autora se diz feminista, mas acho pouco feminista encontrar no fato de se casar com um príncipe a saída para todos os problemas.

Qual a representação de Meghan? Qual foi o enquadramento dado à ela? Os textos representam Meghan como uma verdadeira heroína feminista birracial e ativista. Todos os textos analisados dão à Markle o mesmo enquadramento, onde eles ressaltam o feminismo ativista dela, enfatizando que o casamento foi um modo de resistência e que marcou a diferença abrindo portas para posteriores representações. Os meios de comunicação repetem as mesmas características elogiosas em quase todos os textos analisados. Essas representações criadas parecem um retrato fiel da realidade e por isso instauram, homologam e ratificam certas ideias que dizem que esse é o modo de viver em uma sociedade, o perigo disso é que certas representações podem solidificar discursos estereotipados sobre determinados assuntos. “Trata-se ora da instauração de padrões “normais” ou “modelos”, ora de imagens pejorativas ou idealizadas de populações, categorias sociais, minorias etc.” (SOARES, 2009, p. 20).

Considerações Finais

Os textos em sua maioria defendem Meghan e reafirmam que a atitude dela não fazem ela deixar de ser feminista. Há uma série de fantasia em torno do casamento real e acreditam que foi um verdadeiro conto de fadas. O fato de Markle ser birracial também foi destacado de forma positiva, pois segundo os veículos informativos isso é uma verdadeira forma de resistência. Nos textos analisados não houve nenhuma referência às características de Meghan, ela é birracial e disseram que a cor da pele dela chamou atenção inclusive no dia do casamento. Os textos ainda destacam que o fato de uma “negra” ter entrado pra realeza britânica inaugura uma nova forma de ver os

negros, mas não se problematiza que Meghan não tem a pele tão negra, ela é famosa e faz parte de uma superestrutura.

Outro ponto que se pode citar é sobre o ideal de beleza que colocaram em cima de Meghan, vários sites, blogs, jornais, revistas colocaram a atual duquesa de Sussex como um modelo de beleza, o fato de ela não ter uma maquiagem muito chamativa no dia do casamento também foi pauta para os meios de comunicação. Saffioti (2011) recupera essa discussão dizendo que o padrão de beleza apreende a mulher. O vestido usado também não foi feito por um estilista muito conhecido, o que fez dela uma “verdadeira princesa humilde”. Os acessórios usados por Meghan também viraram notícia e eles foram bastantes caros. Não existe uma discussão sobre como uma mulher que luta tanto pelas causas humanitárias pode em um único dia gastar milhões de reais, não só na cerimônia que foi bem cara, mas em cada detalhe da sua vestimenta e acessórios. Mesmo com todos esses adendos sobre Meghan Markle, qual a representação dela nos meios de comunicação analisados?

Meghan foi retratada como uma mulher forte, divorciada, feminista, humilde, birracial, que causou um turbilhão de mudanças na família real britânica, talvez uma das mais tradicionais do mundo, o fato de ela não poder usar mais a roupa que quiser, não poder pintar as unhas da cor que quiser, não poder mais trabalhar não impedem que ela deixe de ser feminista, segundo a mídia. E o fato que ela tem que abandonar as causas humanitárias e se dedicar somente a Royal Foundation não fazem dela menos ativista. Ou seja, mesmo com todas as contradições, Meghan aparece na mídia como a representação fiel de tudo que as feministas precisam, uma princesa ativista e feminista, disposta à abrir mão de conquistas importantes em nome do amor e por uma escolha dela, o que transforma ela em um ícone feminista do século XXI.

Segundo (ENTMAN, 1991 apud SOARES, 2009) ao repetirem palavras e imagens que fazem referência a determinadas ideias e a outras não, os enquadramentos destacam certas opiniões e excluem outras. O autor fala ainda da dificuldade de detectar esses destaques ou mesmo as exclusões porque tudo é feito de forma muito sutil, parecendo natural o uso de certas fotografias, palavras e manchetes, por exemplo. “A representação está intimamente ligada a identidade e conhecimento.” (HALL, 2016, p.25).

Para Soares, citando Entman, “por meio da repetição, focalização e associações reforçadoras, palavras e imagens, o enquadramento torna uma interpretação básica mais

rapidamente discernível e memorável do que outras.” (SOARES, 2009, p. 21). A definição de enquadramento se pauta em processos de seleção, saliência e exclusão que permite que se defina uma situação ou representação dela, por isso que o enquadramento é a forma específica da representação no jornalismo.

Existe, segundo Soares (2009) uma ideia de desrepresentação nos meios, pois algumas representações não correspondem a estados verificáveis do mundo. Ele exemplifica que a representação da mulher na publicidade, na maioria das vezes, não são reais, beiram à perfeição e ficam cada vez mais distantes da realidade, ou seja, é distante do tipo de mulher que se encontra nas ruas. O autor afirma, que “(...) a partir de certo ponto, é mais adequado empregar o termo “mitos”, proposto por Barthes (1990), utilizado para essa inflexão de sentido realizada pelos meios.” (SOARES, 2009).

A imagem de Meghan como ícone feminista do século XXI foi tão enfatizada, repetida que se criou uma identidade dela como tudo aquilo que uma mulher deve e pode ser, uma princesa que merece flores e merece um casamento milionário com um príncipe. Indaga-se, é Meghan Markle um símbolo de resistência negra e feminista? Vale destacar novamente que Meghan abandonou carreira consolidada, uma vida de fama, trabalhos humanitários, redes sociais, modo de vestir, andar, falar, maquiagem em nome de um amor. Toda a imagem de que a salvação da mulher está no casamento, imagem bastante divulgada em tempos outrora, volta a tona e ganha apoio entre feministas, jornalistas e líderes de opinião.

O presente artigo se enquadra no GP Comunicação para a Cidadania, pois se entende que falar da mulher é falar dos direitos de cidadãos que todos devem ter. No caso de Meghan Markle que causou uma reviravolta nos padrões feministas, vale analisar, criticar e pensar na cidadania das mulheres.

Referências

BAKER, Steve. **Representando a realidade**. Adaptado para Sandringham por David Allison and Simon Wallace, 2007. Representing reality. Media Studies; Key concepts; Representation:<http://www.adamranson.plus.com/Representation.pdf>. Tradução Murilo César Soares.

FALQUETO, Emanuely Silva. **A Beleza na Comunicação Mediática: análise da representação da mulher em duas revistas do Norte do Brasil.** (2016). Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Professor Adj. Murilo Cesar Soares. Bauru, 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016. Falta 1997

MAZER, Dulce Helena. **Impressões do Corpo Feminino**: reificação e representação da mulher na imprensa. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. S. Cruz do Sul – RS, 2013.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O fardo das brasileiras** – de mal a pior. In: Revista Escrita/Ensaio, Mulher brasileira: a caminho da libertação. Ano III, n.5, São Paulo, 1979, pp.10-39.

_____. **A questão da mulher na perspectiva socialista.** Lutas Sociais, São Paulo, n.27, p.82-100, 2º sem. 2011.

SANTOS, Patrícia Lessa dos. **O corpo em pedaços**: análise do discurso sobre mulher nos outdoors de Maringá. In: Unimontes Científica, Montes Claros v.4.n.2, jul/dez. 2002.

SOARES, Murilo. **Representações, Jornalismo e a Esfera Pública Democrática.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza.** Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.